JOHN FORD

A 1.º de setembro último morreu John Ford. O cinema cobriu-se de luto e por toda parte surgiram manifestações de pesar.

A Rádio do Vaticano, classificando-o "o melhor diretor de cinema dos Estados Unidos", declarava: "Nesta época em que o cinema é lamentavelmente utilizado quase sempre com fins de baixa especulação econômica, sem nenhum respeito pela dignidade do homem ou por seus valores, mesmo os mais sagrados, a recordação de John Ford, poeta da câmara, realizador apaixonado dos mais nobres sentimentos, é um exemplo".

Do Presidente dos Estados Unidos, em nome do povo americano: " Na história da cinematografia americana, o nome de John Ford brilha no firmamento dos diretores de filmes. Grande mestre desta arte, um dos pioneiros da história cinematográfica, transformou a indústria nascente numa arte. Seus filmes encantaram o mundo. Foi um homem que amou muito o seu país e que auxiliou quase três gerações de norte-americanos a compreendê-lo plenamente. Representava o melhor do cinema da América do Norte".

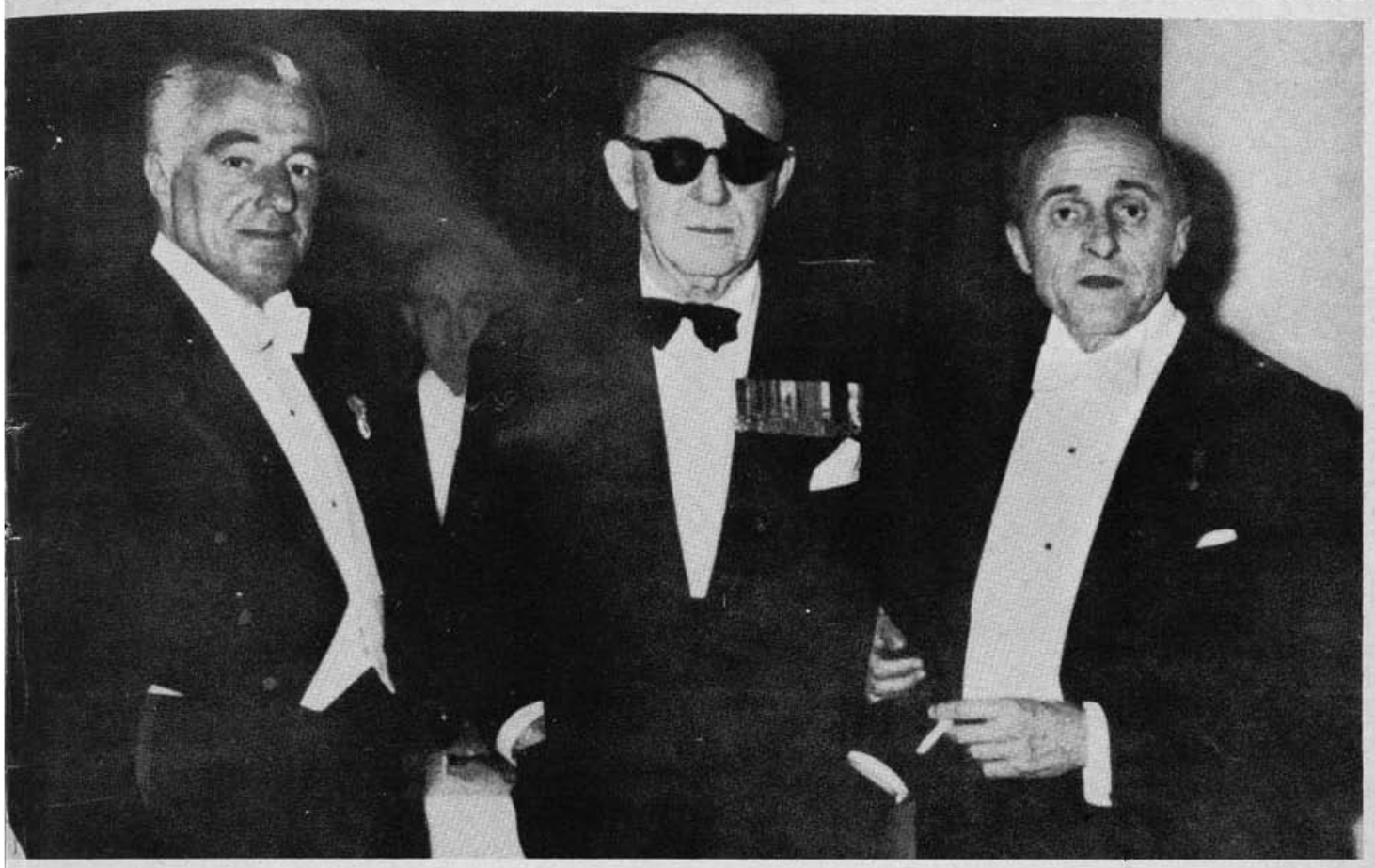
John Ford era considerado pela crítica e pelos estudiosos do cinema como um dos criadores da linguagem cinematográfica — segundo muitos um cineasta do porte de Griffith na História do Cinema. Quase 150 títulos compõem sua filmografia, uma das mais vastas e ecléticas. Dirigiu cerca de 137 filmes de ficção (61 mudos, 63 falados, oito documentários realizados durante a II Guerra Mundial e sobre assuntos diversos, um documentário sobre a Guerra do Vietnam e, segundo consta, uns quatro filmes para a televisão).

Sean Aloysius O'Fienne (ou O'Feeney) nasceu no dia 1.º de fevereiro de 1895, em Portland (Maine), de pais irlandeses. Como diz Moniz Vianna, "começou há 78 anos a história de John Ford. A história do cinema — coincidência? predestinação? — tem oficialmente a mesma idade".

Ford entrou para o cinema em 1914 — graças ao seu irmão Francis Ford, então diretor, escritor e ator em Hollywood — após terminar seus estudos na Portland High School.
A princípio fez de tudo, passando por um aprendizado cinematográfico eclético. Até ator Ford foi, em filmes de Francis e de outros diretores. Importante também é notar que, de 1914 até 1923, ele se assinava Jack Ford, passando a John Ford como diretor de Cameo Kirby.

Considerado o maior cultor do "western", afirma: "Realizei poucos 'westerns': fiz também, melodramas, comédias, filmes sociais. Os mais belos filmes que rodei não são 'westerns': são pequenas histórias sem grandes estrelas, sobre comunidades de gente muito simples" (...) Wagonmaster, *eis o 'western' mais puro e mais simples que filmei".*

A literatura cinematográfica focalizando John Ford é uma das mais vastas: livros, ensaios, artigos, críticas e reportagens publicados em todo mundo. FILME CULTURA selecionou para o presente Dossiê o que de mais representativo foi publicado na imprensa brasileira sobre o grande realizador, além de um trabalho especialmente escrito por Paulo Perdigão. (CF)



Ford entre Vittorio de Sica e René Clair

PAULO PERDIGÃO:

"QUANDO A LENDA SUPERA A REALIDADE"

"Quando a lenda supera a realidade, publicamos a lenda" — disse o personagem do jornalista de **The Man Who Shot Liberty Valance** (O Homem Que Matou o Facínora), justificando a versão generosa, épica e lírica que seu jornal havia publicado de uma história sem heroísmos tão gloriosos e sem façanhas tão eloqüentes. Paradoxalmente, num cinema em que a imagem e a ação valiam mais do que as palavras e a reflexão, a frase define o essencial dos filmes de John Ford. Transcendendo a realidade, em vez de simplesmente recriá-la, eles respiravam uma amplidão dramática que ao mesmo tempo foi capaz de converter o material freqüentemente simples com que lidavam — as baladas ásperas do "western" — em fonte permanente de legenda e de transformar o próprio cineasta numa das mais líricas mitologias do cinema.

John Ford, como grande poeta, não recorria a dramas poderosos e personagens exemplares para tecer a sua versão encantatória da aventura humana. Observava-a em pequenas fábulas e em ambientes áridos, na movimentação descontraída de pessoas comuns — juízes, pastores, mães de família, vaqueiros, mineiros — e criaturas marginalizadas — rebeldes, prostitutas, bêbados — que faziam o seu aprendizado pela vida levando consigo uma inflexível moral e a certeza de que a responsabilidade pelo seu destino repousava nos seus próprios ombros. John Ford arrancou do cotidiano o extraordinário, projetou a futilidade da existência humana numa às vezes patética noção de grandeza.

Nos seus ideais de justiça, liberdade e democracia, John Ford era um velho republicano liberal, portador do espírito do século 19, com seus bons sentimentos, seu nostálgico paternalismo, mas também com a sua simplicidade, rigor e coerência. Era um clássico na tradição de Griffith, amante de Balzac, Liam O'Flaherty, Conan Doyle, um idealista generoso que não escondia sua veneração por Lincoln, a quem dedicou um de seus mais belos filmes, **Young Mr. Lincoln** (A Mocidade de Lincoln). Definia-se como "um velho irlandês sentimental", rótulo modesto para quem soube, como ninguém, cantar a gesta bucólica, épica e sentimental da América de Lee, Twain e O'Neil. Em seus temas preferidos (a desintegração das famílias e dos grupos humanos atingidos pela adversidade, a aventura de indivíduos solidários que construíam seu futuro e o de seus descendentes com golpes de arrojo e determinação heróica) John Ford invocava sempre o que de melhor se pode extrair dos seres humanos, essas criaturas frágeis que, no universo fordiano, são capazes de saltar sobre si mesmas, desafiando a própria insignificância e a indiferença do mundo.

Se os filmes de John Ford eram muitas vezes geniais é porque tinham invariavelmente um grande amor pelas coisas mais simples. Constituiram, no conjunto, uma espécie de cosmo particular em que os mesmos personagens, interpretados pelos mesmos atores, constantemente se reencontravam e pareciam se saudar como velhos amigos, na paisagem de sempre (Irlanda, Monument Valley) e movidos pela constante fordiana do humor salutar, dos gestos fidalgos e dos olhares poéticos. Ford dizia-se um realizador de comédias, mas o resultado maior de sua presença no cinema reside na constituição do "western" como narrativa dramática. Ele foi talvez o primeiro e maior dramaturgo da história americana: conferiu às imagens ásperas dos "cowboys" e das planícies livres do Oeste uma solenidade de classicismo, fazendo dessas aventuras virís e líricas uma metáfora estranha e fascinante da existência humana. Como no teatro clássico, permanente fonte de ins-

piração desse cineasta que se chamava John Ford em homenagem a um dramaturgo elizabetano, o "western" fordiano, no seu sentido imediato, contribuiu para a preservação da história e, num sentido mais vasto, retratou com tintas rudes e fiéis as aspirações e as fraquezas do homem.

Naturalmente, tudo segundo uma concepção poética do Oeste, da história e do homem. Isso significa que John Ford humanizou o universo diante de sua câmara. Nesse aspecto, sua arte é a mesma de Bach, Shakespeare, Goethe: a medida do que seria a existência se ao homem tivesse sido dada a faculdade de constituí-la de acordo com a sua vontade. Camus, um pensador que se revoltava com o absurdo do mundo, admitia que somente na arte há essa concepção de coerência, lógica e perfeição que não se encontra na vida. No cinema, poucos, além de John Ford, souberam apresentar de forma tão comovente essa "realidade humana transcendental". E é por esta razão que os espectadores de um filme fordiano sentem a estranha mas perfeitamente explicável vontade de entrar na tela para participar da vida bem-humorada, gentil e radiante de seus personagens.

O Cavalo de Ferro

A. MONIZ VIANNA:

"FORD, O PRIMEIRO"

No último dia de agosto deste ano chegou a notícia da morte do cineasta, que a esperava tranqüilamente, há mais de três anos, em sua casa de Palm Desert, Califórnia. A morte é o episódio inevitável em qualquer história, quase sempre encerrando-a. Na história de John Ford, a morte significa apenas uma data. E continuam tendo a mesma significação, pelo menos, a arte e a generosidade de quem sempre foi — e sempre será, como há muito tempo se sabe — o primeiro entre todos os cineastas. Dos grandes do cinema, aliás, pode-se dizer, hoje, o mesmo que dos grandes da música, pois também não haverá outros como Bach ou Mozart ou Brahms ou Wagner. Assim também não haverá mais ninguém como Griffith ou Murnau ou Ford.

Aos que admitem a morte de homens como John Ford, só a estes se deve dizer que homens assim não morrem e, portanto, Ford nem precisa ressuscitar. A sua personalidade estará sempre límpida na obra inigualável e luminosa — que permanecerá. Enquanto as fordianas imagens forem projetadas, não importa em que tela ou em que sala, enquanto houver cinema, ou, se o cinema acabar, enquanto houver memória, Ford é. Assim como Shakespeare está cada vez mais vivo, a despeito da agonia tão longa do teatro, Ford está cada dia mais presente, ainda que o cinema já não tenha mais a mesma alma.

São quase 140 filmes ou, melhor, 61 mudos (contando apenas os que dirigiu), dois com música e efeitos sonoros sincronizados, 63 no cinema falado, oito documentários (não contando o intitulado **Vietnam! Vietnam!**, que Ford supervisionou para a USIA, discretamente lançado em 1971) e pelo menos quatro filmes realizados para a televisão. O recorde, que poucos conseguiram ultrapassar numericamente, é espantoso em virtude do alto nível em que situou tantos entre os filmes de Ford. O talento do cineasta atravessa todas as fases significativas do cinema, todos os períodos de criação legítima e experiências importantes, supera todas as inovações, as da técnica como as ditadas por movimentos diversos ou pelas circunstâncias.

("Correio da Manhã", Rio, 9-9-73)

HÉLIO NASCIMENTO:

"JOHN FORD"

Se Griffith é um nome associado à criação da linguagem cinematográfica, se não é possível separar Hitchcock do cinema de "suspense" e se os primeiros filmes de Orson Welles abriram caminho para o cinema moderno, John Ford por sua vez estará para sempre indissoluvelmente ligado ao "western", gênero cinematográfico do qual ele foi um dos criadores e também a mais alta figura. Através do cinema, John Ford recriou a epopéia da colonização americana, ora do ponto de vista do homem branco, como em **Rastros de Ódio**, ora pelos olhos dos índios, como em **Crepúsculo de uma Raça.** Mas o diretor não permaneceu no Oeste americano, não se limitou à reconstrução de um passado. Em sua filmografia aparecem também outros gêneros como o filme de guerra, a comédia, o policial. Mas em todos eles, um esquema básico sempre foi conservado, aquele através do qual Ford homenageou o herói anônimo, o homem esquecido, marginalizado pela sociedade, ou então dela voluntariamente afastado. Desse mesmo esquema faz também parte a temática da Ilíada e da Odisséia. É que a vida, para John Ford, é uma sucessão de combates, de partidas e de retornos. Seus personagens sempre estão partindo para batalhas, ou então voltando delas, como John Wayne no plano inicial de **Rastros de Ódio,** cujo epílogo registra, do mesmo ângulo, a partida do mesmo homem, no afastamento voluntário.

Sabemos que John Ford não dirigirá mais filmes. Mas os que ele deixou serão sempre vistos com emoção por aqueles que procurarem no cinema algo acima das proposições formais e dos lances inovadores. Em John

Ford o cinema foi colocado a serviço do homem. Um grande amor pelos seres humanos animou esse poeta que utilizou o cinema como forma de expressão, enobrecendo-o como poucos o fizeram e erguendo um monumento que as tempestades não destruirão, porque sempre mais forte será o interesse em contemplar o combate humano de todos os dias, recriado em imagens por John Ford.

("Jornal do Comércio", Rio Grande do Sul, 5-9-73)

SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA:

"PEQUENA ESTATÍSTICA DE JOHN FORD"

É difícil destacar, na imensa filmografia de Ford, o melhor, os três melhores, mesmo os 10 melhores filmes. Afinal, são 137 produções dirigidas até 1965, mais as sete apenas interpretadas. Quase 150, e alguns cinearqueólogos garantem que ainda há filme oculto por aí.

Mas, resumindo, seriam selecionados: a obra-prima de 1924 **The Iron Horse** (O Cavalo de Ferro) sobre a conquista do Oeste pelo trem; em 1929, **Men Without Women** (Homens Sem Mulheres), roteiro de colaboração com Dudley Nichols, sobre a história de 14 homens presos num submarino submerso e escangalhado — um dos favoritos do diretor; no mesmo ano, **Born Reckless** (Galanteador Audaz), do mesmo roteirista, abordava — baseado em um romance de Don Henderson Clark — a vida do "gangster" Louis Beretti; em 1934, **The Lost Patrol** (A Patrulha Perdida), a história de uma patrulha britânica perdida no deserto mesopotâmico, que obteve um sucesso mundial.

E mais. Em 1935, a novela de Liam O'Flaherty **The Informer** (O Delator), sobre um alcagüete do movimento de resistência irlandês, elevou Ford à altura de artista a que fazia jus de há muito. Uma comédia sobre o sósia de um "gangster", **The Whole Town's Talking** (O Homem que Nunca Pecou) foi outra récita maravilhosa, com roteiro de Jo Swerling e Robert Riskin.

Obra-prima foi também **The Plough and the Stars** (Horas Amargas), de 1937, baseado numa peça de Sean O'Casey. De 1939 é **Stagecoach** (No Tempo das Diligências), primeiro grande "western" moderno. Do ano seguinte é a adaptação do romance de John Steinbeck **The Grapes of Wrath** (Vinhas da Ira), sobre o problema da fome e da seca nos Estados Unidos, possivelmente o mais comovente filme de Ford.

Três peças de um ato de Eugene O'Neil, reunidas, resultaram no estranho, insólito, esplêndido **The Long Voyage Home** (A Longa Viagem de Volta), 1940. No ano seguinte, Nunnally Johnson, então roteirista preferido de Ford, tendo substituído Dudley Nichols, adaptou o romance de Erskine Caldwell e a peça de Jack Kirkland nele inspirada **Tobacco Road** (Caminho Áspero).

O Delator: **Victor McLaglen**

Patrulha Perdida

Em 1946, o romance "Wyatt Earp, Frontier Marshall", que o cinema já explorara anteriormente, por duas vezes, resultou num dos melhores "westerns" de todos os tempos, o inigualável **My Darling Clementine** (Paixão dos Fortes). Em 1948, a primeira denúncia veemente da truculência do general Custer foi feita pelo cinema: **Fort Apache** (Sangue de Heróis). Em 1950, **Wagonmaster** (Caravana de Bravos) se elevou às culminâncias de obra-prima. A violência irlandesa foi exaltada em **The Quiet Man** (Depois do Vendaval), 1952. Dez anos depois, **The Man Who Shot Liberty Valance** (O Homem que Matou o Facínora) era "western" perfeito, com as medidas certas de humanismo, ironia, humor e violência intrínseca. E em 1964, **Cheyenne Autumn** (Crepúsculo de uma Raça) era um hino à dignidade do índio americano.

("O Globo", 7-9-73)

PEDRO VERIANO:

"O CINEMA DE LUTO — MORREU JOHN FORD"

Ford sempre foi um irlandês, mesmo compreendendo e realizando o melhor cinema americano. Seu temperamento explosivo espantava alguns técnicos e atores que não o conheciam perfeitamente.

Mas é justamente nesta preocupação de "ser irlandês" que me parece residir o melhor John Ford. Refiro-me a **The Quiet Man** (Depois do Vendaval), onde o diretor, francamente saudosista, deixa de ser um "velho ranzinza" para ser um poeta, evocando uma terra ideal (Insfree), parte de sua terra, isolada num tempo e espaço próprios, cabíveis apenas no coração.

Quem lida com cinema tomou Insfree como um sinônimo de Shangri-La. Com a diferença de que a terra imaginada por James Hilton é o cano do escapismo (um lugar para os fugitivos do dia-a-dia, sem qualquer bandeira ou credo, mesmo com um Lama sentado num trono) e a de Ford um lugar próprio, apenas "acontecido". Aliás, o próprio Ford falou de Insfree como a Irlanda que ele deixou quando meninote. Não é mais a de hoje, nem será a de amanhã. Provavelmente Insfree nunca foi evocada no filme. O que acontece é que a memória deixa-se apagar pelo tempo, restando o que ficou mais "querido de lembrar". Por isso mesmo Insfree é, para os críticos (e historiadores) de cinema, não uma cidade "encantada" ou uma espécie de Rimini dos "vitelloni fellinianos". Insfree é um estado d'alma.

Já no fim de carreira, quando novos críticos, apoiados no sectarismo das esquerdas, chamavam Ford de racista (esquecendo que ele foi o primeiro a jogar uma dúvida sobre a personalidade "sacrossanta" de Custer no seu corajoso **Forte Apache**), o grande diretor fez **Cheynne Autumn** (Crepúsculo de uma Raça), um poema ao índio, com um plano que ninguém esquece: aquele do velho cacique morrendo em pé, sob um sol abrasador, enquanto espera ser recebido pelo guarda da Reserva.

Ford, como seu compadre John Wayne, era republicano, apoiava a guerra no Vietnam, achava que a mocidade de hoje merecia umas palmadas, via lixo (e só lixo) no cinema de sexo e violência, e era um crente em Deus. Dizendo assim, alguns podem pensar num Scrooge de Dickens depois do terceiro Natal. Na verdade John Ford era o exemplo do patriarcado, do pioneirismo que fez a América (Ford veio da Irlanda como podia ter vindo com os peregrinos da Nova Inglaterra).

Foi um autêntico, um gênio, um cineasta. É certo que o cinema sentirá falta dele.

("A Província do Pará", Belém, 4-9-73)

DARCI COSTA:

"JOHN FORD, O PIONEIRO DOS WESTERNS"

O que veio a ser o estilo definitivo de John Ford, com o qual também granjeou o nome de o mais autêntico narrador cinematográfico da grande epopéia da conquista do

Sangue por Glória: **Dan Dailey e Corinne Calvet**

O Jovem Mister Lincoln: **Henry Fonda e Pauline Moore**

Oeste norte-americano, está inserido nas informações a respeito dos primeiros "westerns" da dupla John Ford/Harry Carey: eram caracterizados por uma poesia primitiva e violenta, uma ação vertiginosa e um eficaz aproveitamento da paisagem, fatores que se cristalizaram no estilo do Ford amadurecido. Embora um cineasta do cinema silencioso, Ford não viria a alterar seu estilo em decorrência do cinema sonoro, da cor ou do Cinemascope; continuou fiel a si mesmo e à sua temática. A análise da obra de Ford, embora não deixe dúvida quanto à classe e ao talento, não permite que se chegue a uma conclusão sobre se o seu amor é maior pela Irlanda ou pelo Oeste. Em sua última etapa, realizou quatro "westerns", todos de qualidade. **The Searchers** (Rastros de Ódio) — tendo como paisagem o Monument Valley — a história em torno da recuperação de uma jovem raptada pelos índios, com elenco fordiano de ponta a ponta: John Wayne, Jeffrey Hunter, Vera Miles, Ward Bond, John Carradine, Henry Brandon, entre outros. O tema seria retomado em seguida, com **Two Rode Together** (Terra Bruta), com James Stewart e Richard Widmark. Em **Cheyenne Autumn** (Crepúsculo de uma Raça), mostrou, do ponto de vista do índio, o conflito entre índios e brancos no Oeste, em obra revestida de dignidade humana. Finalmente com autêntica e antológica obra-prima do "western": **The Man Who Shot Liberty Valance** (O Homem Que Matou o Facínora), espécie de súmula de toda a obra do cineasta, onde Ford glorifica as facetas de seu universo cinematográfico — o cavalheirismo, a brutalidade, o humor, o heroísmo, a tolerância, a decisão, a renúncia, a glória, a nobreza de caráter. Além de reunir Wayne e James Stewart, a presença do clã fordiano — a equipe formada por atores prediletos e amigos pessoais, uma tônica em toda sua extensa filmografia gloriosa. A presença de John Wayne (amigo e compadre) na obra de Ford, é sintetizada através desta definição: "é quase um prolongamento natural e concreto do que está na cabeça do cineasta". As polêmicas em torno da obra de Ford, naturalmente, existiram: é mais uma nova prova resultante da fidelidade do artista a si mesmo, embora por trilhas as vezes sinuosas, exaltando os valores da coragem e da amizade. O cunho pessoal esteve presente sempre em sua obra, mesmo nos filmes menores.

("O Estado", Florianópolis, 22-9-73)

CARLOS ARMANDO:

"ADEUS JOHN FORD"

O "western", ou a história de uma epopéia construída sob o signo da violência e da coragem individual, da bala e do murro, mas também do lirismo, da poesia e do amor, encontrou em John Ford o seu cultor número um. Mais da metade de sua obra foi consagrada ao gênero, que é, por paradoxo, o mais antigo e também o mais moderno do cinema americano. Ford era portanto um dos raros cineastas que conheceram o nascimento do "western", pois foi contemporâneo ativo de Griffith e Thomas Ince, participando também ativamente da transformação do gênero ao lado de Arthur Penn e Sam Peckinpah. Os últimos "westerns" de Ford falam de uma época de transição, de um mundo que desaparece para deixar lugar a uma nova sociedade. A longa marcha índia para uma nova reserva em **Cheyenne Autumn** (Crepúsculo de uma Raça); a admirável seqüência de **Two Rode Together** (Terra Bruta), onde Richard Widmark e James Stewart, "cowboys" crepusculares, sentados à beira do rio, evocam aventuras passadas, ou a mitológica poesia que emana de **The Man Who Shot Liberty Valance** (O Homem que Matou o Facínora), com os heróis envelhecidos confrontando as suas existências, comparando as suas vidas.

Ford é o titã do "western", um dos titãs do cinema — como bem acentuou Roger Tailleur.

("Diário do Comércio", Belo Horizonte, 13-10-73)

FERNANDO FERREIRA:

"NOTAS SOBRE O HUMANISMO FORDIANO"

"Se uma fada passasse por mim e dissesse: 'Sergei Mikailovitch, nada tenho a fazer neste momento. Quer que lhe faça uma pequena mágica? Desejaria que o tornasse, num passe de mágica, autor de quaisquer filmes americanos realizados até agora?' Não apenas eu consentiria, como nomearia logo o filme do qual desejaria ter sido autor: **Young Mr. Lincoln** (A Mocidade de Lincoln), realizada por John Ford." (Sergei Eisenstein em "Mister Lincoln por Mister Ford", publicado no n.º 4, de 1960, de "Iskusstvo Kino" e reproduzido, em tradução, em "Positif", número 74, março de 1966.)

Lincoln é, com efeito, o homem político que mais sensibilizou o autor de **The Grapes of Wrath** (Vinhas da Ira), que lhe dedicou uma biografia dos anos de juventude, e que já se entusiasmava por ele à época da realização de **The Iron Horse** (O Cavalo de Ferro), em 1924. O presidente assassinado foi personagem de Ford novamente em **The Prisoner of the Shark Island** (O Prisioneiro da Ilha dos Tubarões), 1938, em **How the West Was Won** (A Conquista do Oeste), 1962, num dos mais belos planos de **Cheyenne Autumn** (Crepúsculo de uma Raça), 1964, e em toda a sua obra, na exposição que faz de conceitos caracteristicamente lincolnianos da Justiça, da Igualdade, do Direito e da Democracia. Na conversa citada com Tavernier, Ford fala de

No Tempo das Diligências: **Claire Trevor, John Wayne**

Lincoln, Roosevelt e Kennedy como os presidentes americanos cuja memória cultuava e se definia como um "democrata liberal". Entretanto os desinformados insistem em apresentá-lo como um dos mentores da caça às bruxas da época do macartismo. O oposto é que é, no entanto, a verdade, no depoimento de inúmeros de seus colegas, entre os quais Joseph L. Mankiewicz, que era presidente do Directors Guild, na época, e que atesta a oposição de Ford às manobras de De Mille propondo a adesão do Guild à marginalização de diretores e escritores suspeitos de comprometimento político "antiamericano" (vide "John Ford", por Peter Bogdanovich, edição da University of California Press, 1968). A fidelidade do cineasta, nessa ocasião como em toda a sua obra, ao pensamento e à ação de Lincoln define melhor que tudo o humanismo cultivado em toda a sua obra. Eisenstein vê na biografia que Ford realizou do presidente que tanto desejou a união de seu país, livre de preconceitos e empolgado dos ideais de Justiça e Igualdade, um dos filmes mais notáveis que viu pela forma e o conteúdo. "Sempre me cativou" — disse o cineasta russo — "pela perfeição da sua harmonia e a mestria dos seus meios de expressão. E sobretudo pela concepção mesma do personagem de Lincoln".

("O Globo", Rio, 7-9-73)

CARLOS MAXIMIANO MOTTA:

"UMA CARREIRA LENDÁRIA COMO O FAR-WEST"

Com a morte de Sean Aloysius O'Feeney parte-se mais um elo que nos liga todos a um velho amigo — o cinema norte-americano — responsável pela formação, concepções, sentimentos e visão de mundo de todas as gerações de cineastas, fãs e críticos.

Quem no atual estágio do cinema substituirá, de direito, os John Ford, Sternberg, William Dieterle, Robert Siodmak e, por extensão, os antigos mestres do cinema internacional? Ou Alfred Hitchcock, William Wyler, Howard Hawks, Rouben Mamoulian, William A. Wellman, Raoul Walsh, Jean Renoir, Buñuel?

Um dos mais famosos cineastas da história do cinema e, para muitos, o maior diretor de todo o cinema, mesmo em suas obras menos felizes, como a série da RKO e Republic **(Caravana de Bravos, Sangue de Heróis, A Legião Invencível, Rio Bravo)**, Ford nunca foi diminuído, nunca teve sua importância questionada.

("O Estado de São Paulo", 2-9-73)

ELY AZEREDO:

"O HOMEM UNIVERSAL DO OESTE"

O primarismo que consiste em ver racismo em todo filme preso a episódios inseparáveis dos atos de selvageria do índio alimentou durante muitos anos o mito do "reacionarismo" de Ford. Muito antes de Arthur Penn atacar a megalomania e a barbárie do General Custer em **Little Big Man** (Pequeno Grande Homem), mais precisamente em 1947 ("época do maccarthysmo", conforme frisou o crítico Philippe Maillat), **Fort Apache** "opunha a dignidade do povo índio ao delírio do chefe militar branco".

O penúltimo filme e último "western" realizado pelo mestre de **Cheyenne Autumn** (Crepúsculo de uma Raça), ilustra simultaneamente a coragem crítica de Ford e sua inigualável visão da história do Oeste americano. Plasticamente um filme com um vigor de composição digno dos melhores exteriores fordianos, focaliza com precisão quase documentária "o último capítulo da história da nação cheyenne". O roteiro se inicia em setembro de 1878, no território que seria depois conhecido como Oklahoma, quando 286 cheyennes — últimos sobreviventes dos mil submetidos ao mundo concentracionário da

reserva oficial — desistem de esperar a ajuda prometida pelo Governo em solenes tratados. A fome e as doenças reduziram a um agrupamento esquálido, cético os bravos guerreiros originários de Dakota do Norte. E preferem morrer na tentativa de retorno a Yellowstone do que roídos pelas doenças. Respeitando as grandes linhas históricas, John Ford se arriscou a digressões pouco favoráveis à armação épica, à evolução dramática que lastreava a popularidade de seus "westerns" de estatura clássica.

O crepúsculo (ou o outono) dos cheyennes tem o estilo coerente e comunicativo habitual em Ford, mas o cineasta se recusa, por fidelidade a um objetivo maior, a empolgar o espectador. A grande respiração épica do cinema fordiano aparece, como que petrificada no "décor" hibernal, no ritmo ritualístico-trágico. É fácil observar, também, que não apenas em seu último "western" Ford abandonou a adesão entusiástica às legendas da conquista e da colonização do Oeste. O crítico-cineasta Peter Bogdanovich marcou bem a evolução do "mood" de seus "westerns" a partir de **Wagonmaster** (Caravana de Bravos), esse "clímax de otimismo". Depois da "trilogia da Cavalaria", encerrada com **Rio Grande** (Rio Bravo), seu "western" seguinte, feito seis anos mais tarde, "mostrava o início de uma mudança; uma história épica, feita de comédia e drama, **The Searchers** (Rastros de Ódio) termina com uma nota trágica, quando o homem do Oeste (John Wayne — o herói fordiano insuperável) parte sozinho. **The Horse Soldiers** (Marcha de Heróis), 1959, **Sergeant Rutledge** (Audazes e Malditos), 1960, e **Two Rode Together** (Terra Bruta), 1961, são crescentemente amargos em espírito, até que, com **The Man Who Shot Liberty Valance** (O Homem que Matou o Facínora), 1962, ele parece estar fazendo seu testamento final sobre o "western".

Indagado sobre a amargura de **Liberty Valance**, o cineasta, sempre rebelde a dissecar sua obra, limitou-se a responder: "Talvez eu esteja ficando velho..." Em verdade, jamais isolado da realidade — como pretenderam seus detratores — Ford refletia até nos cenários do Far West um desencanto comum a todo o cinema moderno.

("Jornal do Brasil", Rio, 8-9-73)

"O CLÃ FORD"

Ator talentoso que trabalhasse com John Ford uma vez, trabalharia sempre. O grande cineasta criou, entretanto, um clã especial, de "astros" e coadjuvantes amigos cuja freqüência a seus filmes já não causava espanto aos fãs mais observadores.

O clã de Ford atingiu dezenas de artistas. Alguns dos mais lembrados foram seu irmão Francis Ford (mais de 30 filmes), seu amigo Harry Carey (29 filmes) e J. Farrel MacDonald (21). Depois dessa turma "da pesada" do cinema silencioso aparecem o inesquecível Ward Bond (18 filmes), John Wayne (13), Victor McLaglen (12) e o "cowboy" Hoot Gibson (11). A turma da dezena é liderada por George O'Brien (10) e John Carradine (10), seguidos de Molly Malone (nove), Jane Darwell (sete), Henry Fonda (seis), Maureen O'Hara (seis), Frank Albertson (seis), Ken Curtis (seis) e Barry Fitzgerald (cinco). Mas o clã de Ford, com artistas que apareceram duas, três, quatro e mais vezes, ainda se completa com Ben Johnson, Donald Meek, Donald Crisp, Anna Neagle, Wallace Ford, Harry Carey Jr., James Stewart, Shirley Temple, Richard Widmark, Carrol Baker, Spencer Tracy, Pat O'Brien, Edmund Lowe, James Gleason, Ricardo Cortez, Rochelle Hudson, David Torrence, C. Aubrey Smith, Thomas Mitchell, Tom Mix, Buck Jones (os dois maiores "cowboys" de todos os tempos) e muitos outros.

(Salvyano Cavalcanti de Paiva, "O Globo", Rio, 7-9-73)

FILMOGRAFIA

(Compilada por Peter Bogdanovich para o livro "John Ford", Movie Magazine Ltd., 1967)

☆ 1914 — **Lucille Love — The Girl of Mystery** (A Rapariga Misteriosa) ☆ Seriado no qual John Ford trabalhou como "stand-in", em pequeninos papéis e, ocasionalmente, como assistente de seu irmão Francis Ford.

☆ 1914 — **Lucile, the Waitress** ☆ Seriado de quatro episódios de dois rolos cada, destruído por um incêndio na Universal em 1914. Presume-se que tenha sido o primeiro filme dirigido por John Ford, ainda com o nome de Jack Ford. O próprio diretor não se lembrava dele.

☆ 1914 — **The Mysterious Rose**, de Francis Ford. ☆ Nesse filme Jack Ford faz o papel de "Bull" Feeney, cúmplice da protagonista, Lady Raffles (Grace Cunard).

☆ 1915 — **The Birth of a Nation** (O Nascimento de uma Nação), de David Wark Griffith ☆ Num elenco de milhares, Jack Ford aparece como um dos membros do Ku Klux Klan.

☆ 1915 — **Three Bad Men and a Girl**, de Francis Ford ☆ Jack Ford fez um dos papéis principais.

☆ 1915 — **The Hidden City**, de Francis Ford ☆ Drama sobre uma cidade subterrânea e mitológica da índia. Jack Ford faz o papel do irmão do protagonista, Francis Ford.

☆ 1915 — **The Doorway of Destruction**, de Francis Ford ☆ Jack Ford trabalha como assistente de direção e intérprete.

☆ 1915 — **The Broken Coin** (A Moeda Quebrada), de Francis Ford ☆ Idem, como no filme anterior.

☆ 1916 — **The Lumber Yard Gang**, de Francis Ford ☆ Drama policial com John Ford (Jack) no papel de chefe de uma quadrilha.

☆ 1916 — **Chicken-Hearted Jim**, de Francis Ford ☆ John Ford, ator.

☆ 1916 — **Peg O' The Ring** (A Filha do Circo), de Francis Ford e Jacques Jaccard ☆ Drama em ambiente de circo. Ford entre os intérpretes.

☆ 1916 — **The Bandid's Wager**, de Francis Ford ☆ Um "western" com Jack Ford no elenco.

— De acordo com Bogdanovich é possível que Jack Ford tenha trabalhado nos 16 capítulos do seriado **The Purple Mask**, de Francis Ford, rodados em 1916-17, mas não há registros para comprovação.

Depois do Vendaval: **Maureen O'Hara, John Wayne**

☆ 1917 — **The Tornado** (O Furacão), de Jack Ford como diretor, roteirista e intérprete pincipal.

☆ 1917 — **The Trail of Hate**, de Francis Ford ☆ Por vezes este filme é atribuído a Jack Ford, mas foi de fato dirigido por Francis. Também ator.

☆ 1917 — **The Scrapper** ☆ Direção, roteiro e protagonização de Jack Ford.

☆ 1917 — **The Soul Herder** (Arrebanhador de Almas) ☆ O primeiro dos 26 filmes que Ford dirigiria com Harry Carey, e também o que ele próprio considerava seu primeiro trabalho de direção.

☆ 1917 — **Cheyenne's Pal** ☆ Direção e história de Jack Ford.

☆ 1917 — **Straight Shooting** (O Último Cartucho) ☆ Primeiro filme de longa metragem dirigido por John Ford.

☆ 1917 — **The Secret Man** (O Fugitivo) ☆ Direção de Jack Ford. Primeira manifestação elogiosa pela imprensa: "uma prodigalidade de cenas pitorescas... inundadas pelo sol da Califórnia", "Moving Pictures World", 13-10-1917.

☆ 1917 — **A Marked Man** (Preito de um Foragido) ☆ Direção e história de Jack Ford. Seria refilmado em 1920, com o título de **Under Sentence**, pelo irmão de Ford, Edward.

☆ 1917 — **Bucking Broadway** ☆ Direção de Jack Ford. Enredo semelhante ao de **The Scrapper.**

☆ 1918 — **The Phanton Riders** (Rosa do Paraíso) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1918 — **Wild Women** (Reino Venturoso) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1918 — **Thieves' Gold** (Quando se Ama) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1918 — **The Scarlet Drop** (Pingo de Sangue) ☆ História e direção de Jack Ford.

☆ 1918 — **Hell Bent** (A Recompensa) ☆ Jack Ford diretor e co-roteirista (com Harry Carey).

☆ 1918 — **A Woman's Fool** (Nas Malhas de Cupido ☆ Direção de Jack Ford. Baseado no romance "Lin McLean", de Owen Wister.

☆ 1918 — **Three Mounted Men** (Os Três Cavaleiros) ☆ Direção de Jack Ford.

— Algumas filmografias incluem, erroneamente, Jack Ford no elenco do seriado **The Silent Mystery**, de Francis Ford, e também como co-diretor de **The Craving**, 1919 — atividades contestadas por Ford.

☆ 1919 — **Roped (Loteria Matrimonial)** ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1919 — **The Fighting Brothers** (Luta entre Irmãos) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1919 — **A Fight for Love** (Uma Contenda de Amor) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1919 — **By Indian Post** (O Índio Correio) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1919 — **The Rustlers** ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1919 — **Bare Fists (A Promessa)** ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1919 — **Gun Law** ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1919 — **The Gun Packer** ☆ Jack Ford diretor e co-autor da história (com Harry Corley).

☆ 1919 — **Riders of Vengeance** (Cavaleiros da Vindita) ☆ Jack Ford diretor e co-roteirista (com Harry Carey).

☆ 1919 — **The Last Outlaw** ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1919 — **The Outcasts of Poker Flat** (O Caminheiro) ☆ Direção de Jack Ford. Nova explosão de elogios da crítica: "... fotografia absolutamente incomparável..."

☆ 1919 — **The Ace of the Saddle** (Ação Fecunda) ☆ Direção de Jack Ford.

O Último Hurra: **Ed Brophy, Spencer Tracy, William Leslie, Ricardo Cortez, Pat O'Brien**

☆ 1919 — **The Rider of the Law** (Expiação) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1919 — **A Gun Fightin' Gentleman** (Dignidade) ☆ Ford diretor e co-autor da história (com Harry Carey).

☆ 1919 — **Marked Men** (Homens Marcados) ☆ Direção de Jack Ford. O filme preferido de Ford, dentre os seus primeiros.

☆ 1920 — **The Prince of Avenue A** (A Doce Atrocidade) ☆ Direção de Jack Ford. O primeiro filme não-"western" de Ford.

☆ 1920 — **The Girl in N.º 29** (A Dama do n.º 29) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1920 — **Hithchin' Posts** (No Campo da Honra) ☆ Direção de Jack Ford.

— Ford não tinha lembrança de ter trabalhado no seriado **The Mystery of 13**, de Francis Ford, 1920, nem de ter feito qualquer filmagem ligada a **The Great Redeemer**, produção de Maurice Tourneur, como fazem crer algumas filmografias.

☆ 1920 — **Under Sentence** ☆ Direção de Edward Feeney. História de Jack Ford.

☆ 1920 — **Just Pals** (Camaradas) ☆ Direção de Jack Ford. Primeiro filme de Ford fora da Universal, tendo Buck Jones como protagonista.

☆ 1921 — **The Big Punch** (Amor Maternal) ☆ Jack Ford como diretor e co-roteirista, com Jules Furthman).

☆ 1921 — **The Freeze Out** (O Chicote do Amor) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1921 — **The Wallop** (Corações Independentes) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1921 — **Desperate Trails** (Pista Inapagável) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1921 — **Action** (Ação Enérgica) ☆ Direção de Jack Ford. Primeiro aparecimento de Francis Ford como intérprete num filme do seu irmão.

☆ 1921 — **Sure Fire** (Fogo Certeiro) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1921 — **Jackie** (A Dançarina) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1922 — **Little Miss Smiles** (Senhorita Sorriso) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1922 — **Silver Wings** (Veneração Extrema) ☆ Jack Ford dirigiu apenas o "Prólogo" desse filme de Edwin Carewe.

☆ 1922 — **The Village Blacksmith** (O Ferreiro da Aldeia) ☆ Direção de Jack Ford.

☆ 1923 — **The Face on the Barroom Floor** (Romance de um Pintor Célebre) ☆ Direção de Jack Ford. Baseado num poema de Hugh Antoine D'Arcy. "Meu Deus, fiz isso?", disse Ford certa vez. Em 1914 Chaplin parodiara o poema sob o mesmo título.

☆ 1923 — **Three Jumps Ahead** (Descendo Abismos) ☆ Direção e roteiro de Jack Ford. Com Tom Mix.

☆ 1923 — **Cameo Kirby** (Sota, Cavalo e Rei) ☆ Direção de John Ford. Primeiro filme em que os créditos trazem o nome de John Ford, em vez de Jack.

☆ 1923 — **North of Hudson Bay** (Jornada da Morte) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1923 — **Hoodman Blind** (Cegueira Humana) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1924 — **The Iron Horse** (O Cavalo de Ferro) ☆ Direção de John Ford. Primeiro grande sucesso de Ford, tendo como base a rivalidade entre duas

ferrovias para a instalação da primeira linha transcontinental nos Estados Unidos.

☆ 1924 — **Hearts of Oak** (Amor, Juventude e Sacrifício) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1925 — **Lightnin'** (O Coração não Envelhece) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1925 — **Kentucky Pride** (Puro Sangue) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1925 — **The Fighting Heart** (Coração Intrépido) ☆ Direção de John Ford. Primeira participação de Victor McLaglen num filme de Ford.

☆ 1925 — **Thank You** (Agradecido) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1926 — **The Shamrock Handicap** (A Folha do Trevo) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1926 — **The Blue Eagle** (A Águia Azul) ☆ Direção de John Ford, com George O'Brien e Janet Gaynor.

☆ 1926 — **3 Bad Men** (Três Homens Maus) ☆ Direção de John Ford. Um dos filmes silenciosos mais importantes de Ford. Ford também cenarista com John Stone.

☆ 1927 — **Upstream** (A Torrente da Fama) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1928 — **Mother Machree** (Minha Mãe) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1928 — **Four Sons** (Quatro Filhos) ☆ Direção de John Ford. Até a época, o maior sucesso de Ford, depois de **The Iron Horse.**

☆ 1928 — **Hangman's House** (Justiça do Amor) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1928 — **Napoleon's Barber** (O Barbeiro de Napoleão) ☆ Direção de John Ford. Primeiro filme falado de Ford.

☆ 1928 — **Riley the Cop** (Polícia Solteirão) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1929 — **Strong Boy** (O Moço é Forte) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1929 — **The Black Watch** (A Guarda Negra) ☆ Direção de John Ford e Lumsden Hare, com Victor McLaglen e Myrna Loy.

☆ 1929 — **Salute** (Em Continência) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1930 — **Men Without Women** (Homens sem Mulheres) ☆ Direção de John Ford. Roteiro de Dudley Nichols baseado numa história de Ford e James K. McGuiness, "Submarine".

☆ 1930 — **Born Reckless** (Galanteador Audaz) ☆ Direção de John Ford e Andrew Bennison.

☆ 1930 — **Up the River** ☆ Direção de John Ford, com Spencer Tracy.

☆ 1931 — **Seas Beneath** (Sob as Ondas) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1931 — **The Brat** (A Garota) ☆ Direção de John Ford.

☆ 1931 — **Arrowsmith** (Médico e Amante) ☆ Direção de John Ford, com Ronald Colman, Helen Hayes e Myrna Loy.

☆ 1932 — **Air Mail** (Asas Heróicas) ☆ Direção de John Ford. O co-roteirista e autor do argumento, Frank W. Wead, seria mais tarde imortalizado por Ford no filme **Asas de Águia.**

☆ 1932 — **Flesh** (Carne) ☆ Direção de John Ford, com Wallace Beery.

A Paixão de uma Vida: **Tyrone Power, Maureen O'Hara**

☆ 1933 — **Pilgrimage** (Peregrinação) ☆ Direção de John Ford, com Henrietta Grossman, Heather Angel, Norman Foster, Hedda Hopper.

☆ 1933 — **Dr. Bull** (Doutor Bull) ☆ Direção de Jonh Ford, com Will Rogers e Marion Nixon.

☆ 1934 — **The Lost Patrol** (A Patrulha Perdida) ☆ Direção de John Ford, com Victor McLaglen e Boris Karloff.

☆ 1934 — **The World Moves On** (E o Mundo Marcha) ☆ Direção de John Ford, com Madeleine Carroll, Franchot Tone e Raul Roulien.

☆ 1934 — **Judge Priest** ☆ Direção de John Ford, com Will Rogers.

☆ 1935 — **The Whole Town's Talking** (O Homem Que Nunca Pecou) ☆ Direção de John Ford, com Edward G. Robinson e Jean Arthur. Ford confessou jamais ter visto esse filme depois de pronto.

☆ 1935 — **The Informer** (O Delator) ☆ Direção de John Ford, com Victor McLaglen. Na época o maior sucesso de Ford junto à crítica.

☆ 1935 — **Steamboat Round the Bend** ☆ Direção de John Ford, com Will Rogers.

☆ 1936 — **The Prisioner of Shark Island** (O Prisioneiro da Ilha dos Tubarões). ☆ Direção de John Ford, com Warner Baxter e Gloria Stuart.

☆ 1936 — **The Last Outlaw** (O Último Bandoleiro) ☆ Direção de Christy Cabanne; roteiro de John Twist e Jack Towney baseado numa história de John Ford e E. Murray Campbell, filmada pelo próprio Ford em 1919.

☆ 1936 — **Mary of Scotland** (Maria Stuart) ☆ Direção de John Ford, com Katherine Hepburn e Fredric March. Ford lamentava que o filme tivesse sido muito cortado.

☆ 1936 — **The Plough and the Stars** (Horas Amargas) ☆ Direção de John Ford, com Barbara Stanwyck e Preston Foster.

☆ 1937 — **Wee Willie Winkle** (A Queridinha do Vovô) ☆ Direção de John Ford, com Shirley Temple e Victor McLaglen.

☆ 1937 — **Hurricane** (O Furacão) ☆ Direção de John Ford, com Dorothy Lamour, Jon Hall e Mary Astor.

☆ 1938 — **The Adventures of Marco Polo** (As Aventuras de Marco Polo) ☆ Direção de Archie Mayo (sem créditos para John Ford), com Gary Cooper e Sigrid Curie. Ford dirigiu a seqüência da tempestade de neve e as cenas de travessia do Himalaia.

☆ 1938 — **Four Men and a Prayer** (Quatro Homens e uma Prece) ☆ Direção de John Ford, com Loretta Young, Richard Green, George Sanders e David Niven.

☆ 1938 — **Submarine Patrol** (Patrulha Submarina) ☆ Direção de John Ford, com Richard Green e Nancy Kelly.

☆ 1939 — **Stagecoach** (No Tempo das Diligências) ☆ Direção e produção de John Ford, com John Wayne e Claire Trevor. Provavelmente o "western" mais famoso de Ford.

☆ 1939 — **Young Mr. Lincoln** (A Mocidade de Lincoln ☆ Direção de John Ford, com Henry Fonda e Alice Brady.

Rastros de Ódio: **John Wayne, Ward Bond, Jeffrey Hunter**

☆ 1939 — **Drums Along the Mohawk** (Ao Rufar dos Tambores) ☆ Direção de John Ford, com Claudette Colbert e Henry Fonda. Primeiro filme colorido de Ford. Algumas seqüências aproveitadas em outros filmes, especialmente **Mohawk**, de 1956.

☆ 1940 — **The Grapes of Wrath** (Vinhas da Ira) ☆ Direção de John Ford, com Henry Fonda e Jane Darwell.

☆ 1940 — **The Long Voyage Home** (A Longa Viagem de Volta) ☆ Direção de John Ford, com Thomas Mitchell e John Wayne. Filme preferido por Eugene O'Neill, dentre todos os que foram feitos de peças suas.

☆ 1941 — **Tobacco Road** (Caminho Áspero) ☆ Direção de John Ford baseado no romance homônimo de Erskine Caldwell.

☆ 1941 — **Sex Hygiene** ☆ Direção de John Ford. Filme realizado para o Exército Americano sobre os perigos das doenças venéreas.

☆ 1941 — **How Green Was My Valley** (Como Era Verde o Meu Vale) ☆ Direção de John Ford, com Walter Pidgeon e Maureen O'Hara.

☆ 1942 — **The Battle of Midway** ☆ Direção e fotografia de John Ford, que também escreveu a narração, com Dudley Nichols, e fez a montagem, com Robert Parrish. Documentário de guerra.

☆ 1942 — **Torpedo Squadron** ☆ Direção de John Ford. Documentário de guerra para a Marinha Americana sobre os mortos na batalha de Midway. O filme foi feito para ser visto apenas pelas famílias dos mortos e jamais teve outra utilização.

☆ 1943 — **December 7th** ☆ Direção de Gregg Toland e John Ford. Documentário sobre o bombardeio de Pearl Harbour.

☆ 1943 — **We Sail at Midnight** ☆ Direção de John Ford. Documentário de guerra.

☆ 1943 — **The Last Outlaw** ☆ Projeto não realizado de refilmagem de um sucesso de Ford em 1919.

☆ 1945 — **They Were Expendable** (Fomos os Sacrificados) ☆ Produção e direção de John Ford, com John Wayne e Donna Reed. Ford empregou seu salário nesse filme na construção de um centro de recreação para fotógrafos veteranos.

☆ 1946 — **My Darling Clementine** (Paixão dos Fortes) ☆ Direção de John Ford, com Henry Fonda, Linda Darnell e Victor Mature.

☆ 1947 — **The Fugitive** (Domínio dos Bárbaros) ☆ Direção de John Ford, baseado no romance de Graham Green "The Power and the Glory". Com Henry Fonda, Dolores Del Rio e Pedro Armendariz.

☆ 1947 — **The Family** ☆ Projeto (não realizado) de filmagem do romance homônimo de Nina Fedorova, que teria John Wayne e Ethel Barrymore no elenco.

☆ 1948 — **Fort Apache** (Sangue de Heróis) ☆ Direção de John Ford, com John Wayne, Henry Fonda e Shirley Temple.

☆ 1948 — **Three Godfathers** (O Céu Mandou Alguém) ☆ Direção de John Ford, com John Wayne e Pedro Armendariz. Refilmagem de **Marked Men.**

☆ 1949 — **Mighty Joe Young** (Monstro de um Mundo Perdido) ☆ Direção de Ernest B. Schoedsack, produzido por John Ford e Merian C. Cooper. Ford: "Nada tive a ver com isso".

☆ 1949 — **She Wore a Yellow Ribbon** (Legião Invencível) ☆ Direção de John Ford, com John Wayne e Joanne Dru.

☆ 1949 — **Pinky** (O Que a Carne Herda) ☆ Direção de Elia Kazan (não creditada a John Ford que preparou o filme e dirigiu a filmagem apenas um dia antes de adoecer). Com Jeanne Crain e Ethel Barrymore.

☆ 1950 — **When Willie Comes Marching Home** (O Azar de um Valente) ☆ Direção de John Ford, com Dan Dailey e Corinne Calvet.

☆ 1950 — **Wagonmaster** (Caravana de Bravos) ☆ Direção de John Ford. Com Ben Johnson, Harry Carey Jr., Joanne Dru, Ward Bond.

☆ 1950 — **Rio Grande** (Rio Bravo) ☆ Direção de John Ford, com John Wayne e Maureen O'Hara.

☆ 1951 — **The Bullfighter and the Lady** (Paixão de Toureiro) ☆ Direção de Budd Boetticher e produção de John Wayne. A pedido de Boetticher, John Ford fez a montagem do filme.

☆ 1951 — **This Is Korea** ☆ Direção de John Ford, documentário de guerra.

☆ 1952 — **What Price Glory** (Sangue por Glória) ☆ Direção de John Ford, com James Cagney, Corinne Calvet e Dan Dailey.

☆ 1952 — **The Quiet Man** (Depois do Vendaval) ☆ Direção de John Ford, com John Wayne e Maureen O'Hara. O filme teve seqüências dirigidas (mas não creditadas) por John Wayne e Patrick Ford.

☆ 1953 — **The Sun Shines Bright** (O Sol Brilha na Imensidade) ☆ Direção de John Ford, com Charles Winninger e Arlin Wheelan.

☆ 1953 — **Mogambo** (Mogambo) ☆ Direção de John Ford, com Clark Gable, Ava Gardner e Grace Kelly. Refilmagem de **Red Dust** de Victor Fleming, 1932.

☆ 1953 — **Hondo** (Caminhos Ásperos) ☆ Direção de John Farrow, com John Wayne e Geraldine Page. Ford foi visitar Wayne em filmagem e acabou dirigindo (sem créditos no filme) algumas cenas da segunda unidade.

☆ 1955 — **The Long Grey Line** (A Paixão de uma Vida) ☆ Direção de John Ford. Com Tyrone Power e Maureen O'Hara. Primeiro filme de Ford em Cinemascope.

☆ 1955 — **Mister Roberts** (Mister Roberts) ☆ Direção de John Ford. A filmagem tem uma história acidentada. Os estúdios queriam William Holden ou Marlon Brando para o papel principal. Ford insistiu em que só faria o filme com Henry Fonda. Tendo desempenhado o papel no palco, Fonda tinha idéias próprias sobre o personagem, o que resultou num sério conflito com Ford, inclusive em desforço pessoal. Adoecendo em meio às filmagens, Ford entregou a direção a Mervyn LeRoy. Todas as cenas exteriores já haviam sido filmadas.

☆ 1955 — **The Bamboo Cross** ☆ Direção de John Ford. Episódio para o seriado de televisão "Fireside Theater".

☆ 1955 — **Rookie of the Year** ☆ Direção de John Ford. Episódio para o seriado de televisão "Screen Directors Playhouse".

☆ 1956 — **The Searchers** (Rastros de Ódio) ☆ Direção de John Ford. Com John Wayne.

☆ 1957 — **The Wings of Eagles** (Asas de Águias) ☆ Direção de John Ford, com John Wayne, Maureen O'Hara e Dan Dailey.

☆ 1957 — **The Rising of the Moon** ☆ Direção de John Ford. Três contos irlandeses num só filme. Ford confessou ter dirigido o filme apenas para se divertir, mas acabou gostando muito dele.

O Homem que Matou o Facínora

Asas de Águias: **Dan Dailey, Maureen O'Hara**

O Aventureiro do Pacífico: **John Wayne, Lee Marvin**

☆ 1958 — **So Alone** ☆ Direção de John Ford. Curto de oito minutos, realizado para o British Film Institute.

☆ 1958 — **The Last Hurrah** (O Último Hurra) ☆ Direção e produção de John Ford, com Spencer Tracy.

☆ 1959 — **Gideon of Scotland Yard/Gideon's Day** (Um Crime por Dia) ☆ Direção de John Ford. Com Jack Hawkins.

☆ 1959 — **Korea** ☆ Direção de John Ford. Produzido pelo Departamento de Defesa dos E.U.A. focalizando a história e os costumes da Coréia. Documentário de 30 minutos.

☆ 1959 — **The Horse Soldiers** (Marcha de Heróis) ☆ Direção de John Ford. Com John Wayne e William Holden.

☆ 1960 — **The Colter Craven Story** ☆ Direção de John Ford. Episódio para o seriado de televisão "Wagon Train".

☆ 1960 — **Sergeant Rutledge** (Audazes e Malditos) ☆ Direção de John Ford. Com Jeffrey Hunter e Woody Strode no papel-título.

☆ 1960 — **The Alamo** (Álamo) ☆ Direção e produção de John Wayne. Ford foi o diretor de algumas cenas a pedido de Wayne, mas sem aparecer nos créditos.

☆ 1961 — **Two Rode Together** (Terra Bruta) ☆ Direção de John Ford. Com James Stewart e Richard Widmark.

☆ 1962 — **The Man Who Shot Liberty Valance** (O Homem que Matou o Facínora) ☆ Direção de John Ford. Com James Stewart e John Wayne.

☆ 1962 — **Flashing Spikes** ☆ Direção de John Ford. Episódio para o seriado de televisão "Alcoa Première".

☆ 1962 — **How the West Was Won** (A Conquista do Oeste) ☆ Direção de John Ford, George Marshall, Henry Hathaway. Ford dirigiu o episódio **A Guerra Civil** — sobre a batalha de Shiloh.

☆ 1963 — **Donovan's Reef** (O Aventureiro do Pacífico) ☆ Produção e direção de John Ford. Com John Wayne e Lee Marvin.

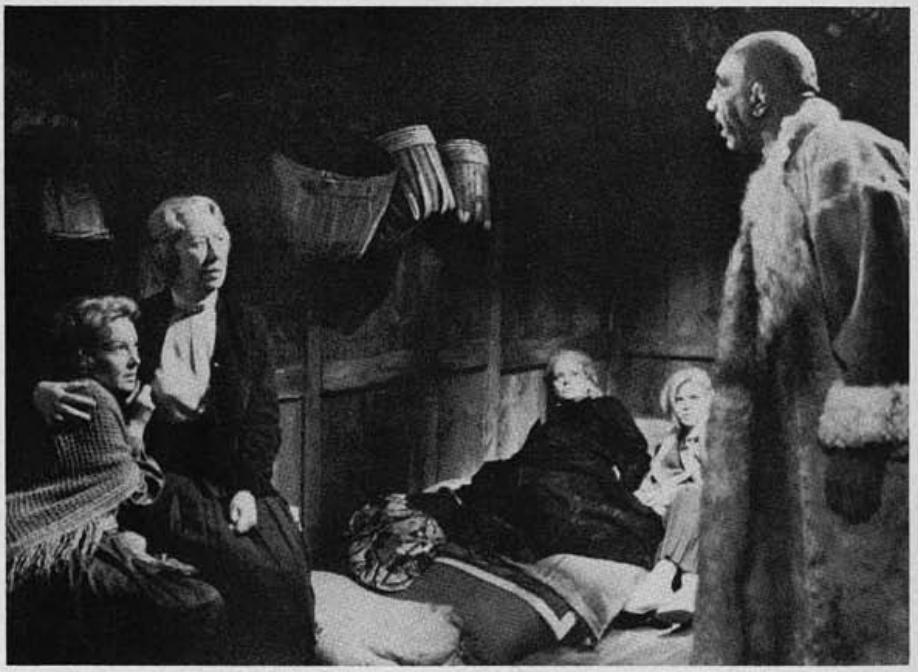
☆ 1964 — **Cheyenne Autumn** (Crepúsculo de uma Raça) ☆ Direção de John Ford. Com Richard Widmark, Carrol Baker, James Stewart, Dolores Del Rio e Edward G. Robinson.

☆ 1965 — **Young Cassidy** (O Rebelde Sonhador) ☆ Direção de Jack Cardiff e John Ford. Ford trabalhou poucos dias na filmagem, apenas algumas cenas entre Julie Christie e Rod Taylor.

☆ 1966 — **7 Women** (Sete Mulheres) ☆ Direção de John Ford, com Anne Bancroft, Sue Lyon, Margaret Leighton, Flora Robson, Mildred Dunnock, Betty Field, Anna Lee.

Entre os projetos posteriores a **7 Women**, não realizados, constam: **The Miracle of Merriford**, baseado na novela de Reginald Arkell (Ford chegou a assinar contrato com a Metro em 1965/66, mas esta arquivou o projeto); **April Morning**, com roteiro escrito por Michael Wilson e **O. S. S.**, cuja história focalizava a espionagem na II Grande Guerra Mundial, ambos projetos de 1967/68. Posterior ao livro de Peter Bogdanovich e o filme **Vietnan! Vietnan!**, documentário de guerra realizado em 1970/71, sob a supervisão de Ford.

Crepúsculo de uma Raça: **Sal Mineo e Dolores Del Rio**



Sete Mulheres: **Anna Lee, Flora Robson, Betty Field, Sue Lyon, Mike Mazurki**

PRÊMIOS DE FORD

Os prêmios de maior repercussão recebidos por John Ford foram: Oscars pela direção de The Informer *(O Delator),* The Grapes of Wrath *(Vinhas da Ira),* How Green Was My Valley *(Como Era Verde o Meu Vale),* The Quiet Man *(Depois do Vendaval); Oscars para "melhor documentário de curta metragem" pela realização de* The Battle of Midway *e* December 7th; *prêmios da associação dos críticos de Nova York para "melhor direção" pelos filmes* The Informer, Stagecoach *(No Tempo das Diligências),* The Grapes of Wrath, How Green Was My Valley.

Indiretamente, Ford proporcionou, com seus filmes, prêmios a roteiristas, atores, compositores, técnicos, artistas (cenografia, decorações). How Green Was My Valley *também conquistou o Oscar de "melhor filme".*